

# A ESCOLA PRIMARIA

— REVISTA MENSAL —

Director:  
ALFREDO C. DE F. ALVIM  
Superintendente de Educação Elementar  
REDACÇÃO: RUA SETE DE SETEMBRO, 174

ASSIGNATURAS:  
Para o Brasil } um anno.... 12\$000  
                  } 6 mezes..... 6\$000

## SUMMARIO

Red.....	Escola Francisco Mendes Vianna As provas de reclassificação de Julho.	Leonor Posada.....	Escola—continuação do lar A tuberculose e vacinação B.C.G.
Alba C. Nascimento..	A bandeira pan-americana	Prof. João Marinho.....	Lingua Materna
Costa Sena.....	Arthur Joviano	Pedro A. Pinto. ....	Tres Palavrinhas
Leonor Posada .....	Francisco Vianna	Mestre Escola.....	Departamento de Educação
		— — — — —	Pratica da Escola Nova
		Alda P. Fonseca.....	

## ESCOLA FRANCISCO MENDES VIANNA

Raramente a morte de um educador terá repercutido tanto e tão extensamente quanto a de Francisco Furtado Mendes Vianna, ha pouco roubado ao nosso convivio.

Da falta que elle nos faz outros terão dito com os encomios justos que elle mereceu pela obra que constituiu.

Nós queremos, aqui, porém, falar da homenagem que deve ter sido mais grata ao seu espirito bem formado, maior para elle, decerto, que os elogios justos dos discursos dos seus amigos e discipulos.

Essa homenagem foi a imposição do seu nome a uma das nossas escolas publicas.

Ahi viverá elle, na frontaria dum prédio escolar, ainda entre as crianças

No cabeçalho dos trabalhos escolares, na bocca das crianças, milhares de vezes

seu nome ha-de ser reproduzido, annexado ao de Escola.

Escola Francisco Mendes Vianna dirão e conservarão gerações sucessivas, e, assim viverá num culto permanente o nome desse educador de sólida cultura e bom coração que viveu entre crianças, pelas crianças, sonhando com ellas, procurando amparal-as de fórma mais efficiente — o conhecimento da leitura.

Escola Francisco Mendes Vianna. Foi um gesto feliz do sr. Anisio Teixeira a escolha desse nome para patrono duma escola primaria.

Nenhuma gloria haverá maior para os educadores sinceros, para os verdadeiros apóstolos da causa da educação do que essa de viver sempre nos labios e nos cerebros infantis.

## As provas de reclassificação de Julho

A reclassificação de alumnos, que vae ser feita em julho, precisa cercar-se de cautelas que assegurem o aperfeiçoamento do trabalho já realizado.

Ninguém nega que o fichamento de alumnos é providencia de grande alcance pedagogico : infelizmente muitas fichas não revelam a realidade e assim o objetivo collimado, a homogenização das turmas, ainda não pôde ser obtida.

Parece que a não promoção de anno, em julho, a não ser em casos excepcionaes, seria medida de grande alcance, completada naturalmente por outra, de igual valor, o reajustamento de alumnos em turmas ou series anteriores. Caso essa providencia, por que anceiam tantas professoras, não possa ser realizada em grande escala, pelos possiveis desgostos a provocar, uma outra se impõe : a criação de turmas especiaes, sem serie definitiva, de ensino intensivo, destinadas a esse reajustamento.

A regencia de taes classes poderia ser entregue a professoras dedicadissimas e experimentadas, capazes de usarem methodos e processos quasi individuaes, efficientes, de molde a restituir ás classes esses alumnos que ora estão nellas completamente deslocados.

E' claro que dada a falta de professoras em nossas escolas e a necessidade de que taes turmas sejam menores que as habituaes haveria necessidade de *dobras*.

Teriamos assim, em julho, uma possibilidade maior de formar turmas homogeneas, o que representaria no segundo semestre um rendimento maior no aprendizado dos novos programmas.

E' preciso que todos nos congreguemos, sem vaidades nem resentimentos, de modo que o ensino das escolas publicas não desmereça jamais no conceito dos paes e outros juizes nem sempre benevolentes.

## EXPEDIENTE

As assignaturas d'A Escola Primaria podem ser tomadas, em qualquer época pelo preço de 12\$000 por anno para o Districto Federal e para os Estados.

Os pedidos devem vir acompanhados da respectiva importancia e endereçados á Redacção d'A Escola Primaria — Rua 7 de Setembro, 174 — Rio de Janeiro.

As collecções dos annos anteriores são vendidas na mesma redacção ao preço de 12\$000 cada anno, em avulsos, e 16\$000 em volumes encadernados. Os pedidos de collecções pelo correio deverão vir acompanhados da respectiva importancia e de mais 1\$000, para o registro postal.

Pedimos a nossos assignantes o obsequio de nos enviarem, por escripto, tanto as communicacões de mudanças de endereços, como quaesquer reclamações relativas à remessa da revista.

## A bandeira pan americana

O instante que corre, da vida do Continente, de excepcional significativo e animador movimento de pan-americanismo, é oportuno a cogitações em torno ao «emblemata das Americas».

Acabo de receber diretamente da *União Pan-Americana*, das mãos bemfazejas do Dr. Leo S. Rowe, extensa carta em que o ilustre americanista expõe quanto á «bandeira Pan-Americana» e á necessidade da sua adoção por todos os países do Continente de Colombo.

Honra-me sobremaneira o ilustre diretor geral da *Pan American Union* comigo tratando de tão interessante assunto.

Quanto nos preocupamos com a obra grandiosa do *Pan-Americanismo*, sabemos quão revelante é a materia a que aludimos. Inegavel é a ação sugestiva de solidariedade proporcionada pelo mesmo labaro cultuado em todas as nações.

A chamada «bandeira da raça» primitivamente simbolo espano-americano, ideado pelo capitão uruguayo Angel Cambor, foi adotada pela sétima Conferencia Internacional Americana, reunida em Montevideo a 23 de Dezembro de 1933, como o «Simbolo das Americas». Representa pois o ato habilissimo da Conferencia uma extensão louvavel de sentimentos e ideais, o pan americanismo agasalhando todos os povos colombianos sob a mesma flamula de amor e esperança. A bandeira pan-americana é uma advertencia permanente contra o espirito acanhado e perigoso de formação de grupos na America livre e solidaria, um apelo á concordia geral, á cooperação para o mesmo destino de progresso pacifico.

E' branca a bandeira pan-americana, simbolizando a paz; apresenta no centro tres cruces roxas, lembrando as tres caravelas do excelso genovez, cruces essas da mesma forma curva (Pattée) como as que havia estampadas nas velas da frota gloriosa do Novo Mundo. Por detraz da cruz central, maior que as outras duas em honra a Colombo, desponta o sol dourado dos Incas, comemorando todas as raças nativas do Continente. A legenda, que por motivos heraldicos não aparece na

própria bandeira, compreende as quatro palavras: *Justiça, Paz, União, Fraternidade*.

Eis o belo labaro que a PAN AMERICAN UNION oferece a todas as nações do Novo Mundo, convite expressivo á solidariedade e á grandeza.

Temos agora um momento unico de oportunidade para a adoção do belo emblema um momento significativo de cordialidade, em que se abraçam as tres grandes nações Brasil, Argentina e Uruguay no encontro dos seus presidentes.

A Comissão de Instrução da Camara teria, num projeto de aceitação do «emblemata das Americas», um motivo de verdadeira gloria.

A atitude do Brasil, recebendo a bandeira pan-americana, seria altamente simpatica, gesto que, mais uma vez, arrancaria a nossa terra do isolamento em que se encontra na America.

Que muito em breve a bandeira pan-americana, celebrada pela poetiza Juana de Ibarbourou, flutue, entre nós, como panjeia em tantos países irmãos.

Que muito em breve vejamos o simbolo das Americas hasteado nos mastros das nossas escolas, conduzindo as novas gerações a um futuro certo de concordia e prosperidade continentais.

Este apelo da insignificante educadora, que á formação da escola pan-americana dá todas as suas forças, é tambem o apelo veemente de milhares de valorosas educadoras que entre nós trabalham pela formação do homem americano, convito dos seus deveres continentais para a gloria do Novo Mundo.

No momento grave da vida do Velho Mundo, em que pela Europa campeia o espectro da guerra e da morte, nos odios ancestrais entre nações imperialistas, voltemos ás infinitas possibilidades que nos oferece a America boa e generosa.

*Alba Canizares Nascimento*

## Professor Arthur Joviano

(PERFIL DE UM MESTRE)

(Discurso proferido pelo Dr. J. C. Costa Sena, na Associação dos Inspectores Escolares)

Para os que, como eu, já se alongaram bastante na jornada da vida, a perda de um amigo, ou de uma afeição sincera, são como um rebate e punge como um presagio. O rair dos companheiros aviva-nos a impressão do perigo fatal e sente-se, ao volver da surpresa emocionada, a rapidez da marcha para o ultimo desenlace, mais rapido sempre, ai de nós! do que desejamos. Assim, nas horas mais agras da travessia, quando mais á prova estão o nosso animo e energia, é que nos achamos mais sós e desamparados. A vida deve ser realmente uma provação tremenda para os que se aproximam desajudados do aniquilamento, ou para os que a-trahem sobre si o mais negro esconjuro dos antigos: «Tú serás o ultimo dos teus a desaparecer!» Mas assim não é: a vida é um continuo preparo para a morte. Temos, no inicio da vereda, beas de toda a sorte—mocidade e alegria, sonhos de ambição, cubicas de gloria, anseios de mando e de poder. Depois nol-os vae o destino retirando aos poucos e em tal proporção, que, despídos de veleidades, maisvale partir em busca das unicas realidades bemfazejas—parentes e amigos perdidos—do que permanecer incompreendido no deserto, falando uma lingua ignorada do presente. Um desses amigos confidentes, cuja perda abriu uma lacuna sensível na minha existencia, foi Arthur Joviano, o mestre insigne e creatura bonissima, em memoria do qual aqui nos reunimos, para prestar-lhe uma homenagem, por mais sincera que seja, muito aquém de seu inegavel merecimento. Habitára-me eu de longa data a frequental-o, para beneficiar-me das reservas de sua experiencia e do tesouro de seus conhecimentos de linguagem, que ele conhecia praticamente como poucos e, da experiencia da vida, que nele revestia aspectos de suavidade cristã.

Conheci-o em Bello Horizonte, nos meus tempos de academico, no commercio de livros; mas foi aqui que me foi dado conhecer na intimidade o mestre que ele era e o amigo que sabia ser. Quando se mudou para a Capital de Minas, já era longo o seu tiroci-

nio no magisterio. Estudou humanidades á moda antiga—solida e profundamente, apreendendo das ciencias os aspectos essenciaes e da lingua a indole em seus padrões classicos. Vinha do ginasio de Barbacena, onde preleccionára latim e outras disciplinas, depois de um concurso renhido. Extremou-se na propaganda da Republica, em companhia de Mendes Pimentel na «Folha de Barbacena»; foi destemeroso preegoeiro do novo regimen. Tomou parte, no inicio da Republica, em todos os movimentos em prol das instituições que pregara. Bateu-se pela penna para convencer e, mestre de civismo, fez-se soldado voluntario para reagir. Mais tarde, ao transferir-se para a Capital mineira, deparou-se-lhe um cenario de amigos. O magisterio contém em si esta grandeza: a sciencia semeada se converte, com o tempo, em amisade e transforma se depois em admiração e respeito. Muitas das figuras, que luziam nas letras, ou culminavam na politica, eram antigos discipulos seus, que tinham haurido em suas lições o segredo de seus triumphos. Fez-se então commerciante do unico commercio que lhe convinha—o de livros—maneira pratica de propagar idéas. Mas, como não sabia viver sem espiritualidade, fundou a «Folha Pequena», diario onde se ensaiaram muitas pennas, hoje illustres em varias esferas das letras. Ahí o veiu encontrar João Pinheiro, que incluíra em seu programma de governo o renascimento da instrucção primaria, honesta em seus objectivos, mas ainda aferrada aos moldes da escola régia. Carvalho Britto gisou as linhas geraes da reforma, que fôra estudar no Prata. Faltava, porém, um executor do plano, que apreendesse a belleza do traçado, o seu incomparavel alcance moral e o animasse com o seu entusiasmo. Esse mestre—vidente foi Arthur Joviano, nome que precisa ser insculpido quanto antes na frontaria de um dos estabelecimentos de ensino de Minas, apelo que daqui faço aos governantes da minha terra. Conduzida por Joviano, fez-se uma cruzada sem treguas nem remittencias em favor da renovação do ensino. Lutou muito contra preconceitos arraigados e o empedernimento da rotina. Fez-se implantador de novos processos, instituiu cursos, escreveu livros com a convicção e o ardor de um iluminado. Em pouco tempo Minas Geraes recuperava lustros perdidos e emparelhava com as unidades federativas mais adeantadas em materia de instrucção pu-

blica. Foi nessa campanha de resurgimento que se cobriu de laureas e adquiriu Joviano a autoridade e mestria, de que aqui deu tantas e exuberantes provas. Formou discipulos, fez proselytos e assegurou o exito do movimento reformista colocando seus discipulos nos postos de responsabilidade. Tendo direito de se elevar a outras posições officiais, não as pleiteou, porque entendia, com Sarmiento, que nenhuma se avantajava a de mestre e guia de moços. Foi diretor da Escola Normal Modelo; e os professores mais capazes de meu Estado, os que hoje formam um seminario de educadores cultos, se fizeram sob sua direção ou sentiram a influencia de suas lições. Estatuario habil modelou varias gerações de professores. Lançou-se a outros empreendimentos reclamados por sua atividade irreprimivel. A um desses negocios se entregou com afan, preparou-o com cuidado para passal-o, sem lucro, a terceiro, que se enriqueceu. Mas disso jámais se queixou, porque era despreendido por natureza e porque sempre fôra missão sua deitar sementes para que outros colhessem. Como na parabola biblica, saiu o semeador a semear, sem que nunca se lhe cançassem os braços...

Transferiu-se para aqui em 22 como comissario de Minas na exposição do centenario e, encerrada ela, ingressou na inspeção escolar. A nova função foi de seu inteiro agrado, porque o punha novamente entre creanças e o restituia ao commercio de idéas. Entre nós, deu curso a suas tendencias progressistas, escreveu novos livros, em que vasou toda a sua experiencia acumulada de ensinar, amadurecida num trabalho longo e sem repouso. Não entrava jámais em uma escola, onde não percorresse as classes, inquirindo do progresso de cada uma, examinando alunos, propondo temas, lecionando. Entre ele e os alunos se estabelecia para logo essa corrente de simpatia, que facilita todas as aquisições e as torna proveitosas. Pegava do giz e explicava com clareza tão meridiana, projetava tanta luz aos ensinamentos, que lhes dava relevo e, por assim dizer, os palpabilizava. Em materia de linguagem, então, o seu modo de ensinar era inimitavel. Quer se dirigisse a aprendizes bisonhos de primeiras letras, quer preleccionasse a classes mais elevadas e vivazes, punha em pratica meios tão engenhosos de transmissão, que absorvia e dominava inteiramente os ouvintes, fundindo-os numa só expressã atenta— a classe

muda. Inimigo de regras e de dogmas, ensinava seguindo o curso natural das coisas, em vez de ir ao arrepio delas, como é frequente. Um de seus exercicios preferidos era ensinar a redigir pelo crescimento normal do periodo, ampliando gradualmente a sua idéa central. Em vez de dissecar pensamentos alheios, como botanico que prepara plantas para o herbario, ele fazia a idéa, aparecer a evoluir aos olhos atonitos dos ouvintes fakirizados, como os magicos da India fazem a semente germinar, crescer e fructificar em instantes, á vista dos espetadores maravilhados. Desejo grande seu era que lhe dessem uma grande assistencia de homens rudes e analfabetos, dispostos em anfiteatro, para que ele, provando a efficacia de seu metodo, os restituísse em breve prazo lendo e escrevendo, com razoavel acerto. Uma officina de alfabetização em massa, preparatoria de um polimento mais cuidado a instrucção facil e rapida. Seus compendios são modelares na concepção, pela doação das dificuldades, pela multiplicidade de exercicios, sua variedade e propriedade. Ponha-se em mão de pessoa medianamente interessada a sua «Lingua Patria» e siga ela a risca a marcha de seus problemas vocabulares, os seus arranjos fraseologicos e, em seu ultimo tomo, terá o dominio pleno da lingua, a redação literaria e escorecita, afeiçãoadamente portugueza. Por isso seus livros ficarão como o modelo do mais difficil genero literario— a literatura didactica infantil.

A comunicação com a infancia exige uma candidez na alegria, uma singeleza de propositos, uma vivacidade de impressões, que só as grandes almas conservam. Só elas guardam, intactas, dentro de si, na aridez da lida quotidiana, esses largos trechos verdes, onde póde cantar tranquilamente o rouxinol interior, de que falava Taine.

Só nelas, por um dom sobrenatural, perdura essa recetividade pronta, essa graça nativa, a sensibilidade aguda e vigilante, sem as quais é impossivel chegar ao coração dos pequenos descobridores do universo. São esses os verdadeiros «charmeurs d'enfants», grandes espiritos, entre os quais se acham os maiores portentos de arte e os genios mais bemfazejos da humanidade. Joviano fica bem entre eles, pois foi sua continua preocupação decifrar os problemas da infancia, achando-lhe o caminho na conquista do saber. Nada o deleitava mais do

que achar-se entre aprendizes de leitura e ver o entreabrir dessas inteligencias virgens e orienta-las para a luz. Preparava com immenso carinho festivais infantís, seguia-os com maxima atençaõ e comprazia-se em suas peripecias. Quando queria vel-o bem disposto, trocava eu, propositadamente, na saudaçaõ, o seu nome pelo de uma das personagens de seus livros. Sorria satisfeito e, dando a palavra ao heróe, que vivia dentro dele, deixava que discorresse sobre as últimas victorias alcançadas na rude batalha contra a ignorancia. Nunca o encontrei que não tivesse na imaginaçaõ um livro a mais, composto de maneira diversa, capaz de aclarar um sem numero de duvidas.

E realmente assim era. Mal tinha noticia de uma novidade ingleza ou americana, immediatamente a adquiria, e ao compulsal-a, verificava que já estava muito adeante, levado só pela intuiçaõ infalivel que o norteava. O seu engenho se exercitava em todo o dominio escolar: ia da leitura inicial á composiçaõ perfeita, da ginastica higienica á carteira comoda, dos jogos instrutivos ao tinteiro maravilhoso, tão cheio de dons, que não póde ser mal empregado. Daí esse encantamento que exercia sobre os que dele se acercavam, ao verem tanta despretençaõ unida a tanto merecimento, demonstrado naturalmente, sem pedanteria nem autoritarismo. Suas lições fluíam espontaneamente, como a agua mansa deslizando rebalsada nos declives, sem a agitaçaõ dos fervedoiros. Era simples e sobrio em tudo, na palestra e no ensino, nas maneiras como no vestuario.

Simples e tranquilo. Tinha o habito, falando, de pausar as expressões, como se estivesse construindo mentalmente o periodo, costume que lhe ficara, talvez, do longo exercicio de dividir logicamente as proposições para os seus alunos. Sob a aparente despreocupaçaõ de distrahido, fazia interessantes observaões de psychologia pratica, essa subtil sciencia de viver, que só se adquire no trato com os homens, observando-os através de seus disfarces, para avaliar o quanto de sinceridade existe em cada um. Não raro entremeava a palestra com um comentario chistoso, ou referia, para avival-a, uma anedota oportuna, provinda do sertanejo sagaz ou do mineiro astuto. E era natural que ele encontrasse nas camadas profundas de sua gente os assuntos de sua predileçaõ. Tinha o selo forte de sua origem, vincado

pelo atrito da experiencia proveitosa. Tendo manuseado livros em varias linguas e debatido tantas idéas peregrinas, conservou sempre o senso das realidades caseiras, afirmado na pratica incessante de um tirocinio sem descanso. Não que as rejeitasse por simples misoneismo, pois seu espirito reverdecia numa perpetua renovaçaõ. Mas é que delas extraia rapidamente o substrato e, bom aquilatador, previa o seu poder de adaptaçaõ a novos climas, o seu deperecimento por falta de seiva. E nunca falhou em suas previsões. Tinha, como mineiro de bom quilate, o amôr estavel e confesso dos conhecimentos sólidos, das obras prestadias, do cabedal amealhado dia a dia. Não pelo gosto ávaro de juntar, que ele nunca aprendeu, nem com o fito de deslumbrar, que ele desconhecia; mas para, em vindo occasião propicia, distribuir a mancheias numa prodigalidade sem limites, conhecimentos de varias origens, selecionados por sua capacidade.

Tal foi o homem que eu conheci, tal foi, srs., o mestre que nós perdemos. O tel-o conhecido de perto foi, sem duvida, nm dos premios maiores da minha carreira na instruaçaõ publica.

Mestre e amigo, muito fiquei eu a dever-te pela sabedoria de teus ensinamentos, pela amenidade de tua convivencia, pela grandeza de teus exemplos!

A ultima vez que eu o vi, já não tinha ele a vivacidade de sempre. O véo de melancolia que descera sobre o seu rosto, presagiava-lhe o fim proximo. Sentia-se que, exausto da aspera caminhada, recolhera-se a si mesmo, para penetrar sem surpresas no vale eterno das sombras. Mas não se lhe demudara o aspeto, não se lhe notava o menor confrangimento ou laivo de amargor. Pareceu-me apenas mais absorto, como se já divisasse entre nevoas, paisagens indistintas da região até hoje inviolada, *terra ignota*, a *undiscovered country* do grande tragico inglez. E tenho a impressãõ de que se conservou assim até o fim, até a morte. Morrer não é bem a expressãõ propria para definir o expirar da creatura justa. O termo usual tem alguma coisa de definitivo, incompativel com a lembrança de um bom, e de brutal, descabido a quem se extingue com serenidade. Quadra-lhe antes, pela brandura, a expressãõ biblica, indicativa da transitoriedade da vida e da naturalidade de seu termo: *exit*, passou. Mas passou bemfa-

zendo, instruindo iluminando inteligencias, preparando gerações para a vida, dando de si, abnegando-se. Passou; mas passou querendo á infancia, pregando aos moços pela palavra e pelo exemplo, legando-lhes opulento patrimonio de trabalho e de estudo. Passou, como passam os verdadeiros mestres, animadores da mocidade, evocados sempre na vitoria dos postéros: flamas vivas consumindo-se na ardencia de sua claridade, destruindo-se na intensidade de sua fulguraçaõ.

Passou, deixando atraz de si rastros de luz, como essas estrelas distantes, cuja irradiaçaõ só se apaga nos céus, muitos anos após a sua extinçaõ...

## Francisco Vianna

(Oraçaõ pronunciada pela professora Leonor Posada, na Escola Tiradentes.)

Poucos são os homens cujas vidas possam sofrer devassa em todos os sentidos.

Os mais decantados, os reputados inatacaveis sempre deram algum trabalho aos seus faiscadores, ora esbatendo lhes certas passagens, ora adoçando-lhes certos traços, ora mesmo buscando no discretar sobre suas vidas brilhantes, tornar impercetiveis certos deslises.

Em Francisco Vianna, porém, todo aquele que se impuzer a tarefa de prescrutar-lhe a vida operosa e digna não encontrará um tropeço e não necessitará nem de esponja para apagar-lhe os detalhes e nem de pincel para amenizar-lhe os costumes.

Vós, que acabastes de ouvir a palavra eloquente de Agliberto Xavier acerca do grande Morto de hontem; que ouvistes a erudiçaõ sincera de Amaro da Silveira sobre o seu civismo; que ainda guardais no ouvido amigo as frases saudosas de Arthur Maggioni sobre o Colega insubstituivel, o orientador seguro e acatado: que dentro em pouco crescereis em admiraçaõ pelo illustre Mestre, com o estudo perfeito de La-Fayette Côrtes vós, repito, podereis mais que ninguem concluir do que acabo de expôr, tal a certeza, o entusiasmo leal e a veracidade inconfundivel com que esses illustres homens de letras revestiram suas orações.

Francisco Vianna foi um grande, um simples e um puro!

Grande nos seus dotes moraes e intelek-

tuaes; simples e puro na sua vida utilissima. Outro, e não ele, conscio do proprio valor, teria procurado pôr-se em fóco para ser visto, para ser endeosado, para servir de exemplo.

Mas o Mestre saudoso vivia a Vida na verdadeira acepçaõ da palavra, com a firmeza de quem a sabe palmilhar, com a doçura e a simplicidade de quem, vivendo, cumpre docemente o seu dever.

Ele, que conheceu a Gloria em seus dias brilhantes, conquistou-a não sómente pelo valor e pelo talento, mas segundo a vereda suave que foi sempre o caminho seguro dos homens imortaes—a bondade!

Não sei o que foi mais admiravel em Francisco Vianna: si a sua mentalidade vigorosa e rica, si o seu coração bonissimo de Amigo: ambos foram dois imensos, dois sublimados relicarios!

Amigo... Não conheço palavra que tenha mais bela signifiçaõ!

Amigo é aquele a que mamamos e que nos ama e, nesse amôr constante e leal, véla por nós.

Amigo é aquele que comunga da nossa Alegria e da nossa Dôr e que, com extremos de bondade procura prolongar-nos a ventura eximindo-nos do sofrimento.

Amigo... palavra rica em sonoridade e sentido por isso que é a confiança, o socêgo, o espinho abrandado, a treva iluminada, o frouxel conquistado.

Si a Historia está cheia de abnegações e sacrificios de amigos devotados, esses factos jamais interessaram a Francisco Vianna que compreendia a Amizade não como um holocausto nem glorificaçaõ do Egoismo, mas uma comunhão de sonhos e finalidades.

E ele foi o Amigo por excelencia, o Amigo de escól, leal, desinteressado.

Nunca ofereceu Francisco Vianna a ninguem o titulo amavel de Amigo; dava-o entretanto a todo aquele que se lhe aproximava na necessidade de um apoio ou de uma direçaõ.

Amando a Humanidade, religiosamente, seu afeto era por assim dizer universal: as maguas, bem como as alegrias de todos encontraram sempre éco em seu coração generosissimo.

E toda a sua vida e toda a sua obra são uma prova do que acabo de dizer.

Como homem deu o seu trabalho á humanidade; como professor entregou o coração aos discipulos; como escritor deu o es-

pirito ao mundo. Nada quiz para si, sinão essa felicidade intima e serena de quem semeou o Bem e o vê colhido por milhares de creaturas.

Quem conheceu Francisco Vianna de perto pode bem avaliar da excelencia de seu coração perenemente preocupado em ver em volta de si felizes.

Si me fossem pedidas quatro palavras para sintetizarem a vida de Francisco Vianna: *Probidade—Trabalho—Proficiencia e Amizade* resumir-lhe-iam o formidavel programa, a finalidade da sua vida de Homem sobre a terra.

Francisco Vianna foi o Amigo de eleição. Não era o Amigo que, pelo fato de querer bem, fechava os olhos e saltava os defeitos de outrem. Não! O Grande Morto era o Amigo, cuja mão, sabendo guiar com firmeza, apontava os erros e era toda pluma para suavizar o castigo. E, de todos aquelles a quem ele indicou falhas e apontou defeitos, raros—óh! muito raros! — foram os que se revoltaram: A emenda que lhes viera pela voz da Verdade e do Afeto, recompunha-se célere em alguns, mais depurada em outros, mas o certo, o seguro, era o Amigo incondicional conquistado desde aquele instante.

Ninguém ouviu de Francisco Vianna uma queixa ou uma censura. Ninguém, como ele, para compreender a vida e saber perdôar!

Lembro me certa vez de que alguém o procurára para queixar-se de um auxiliar; era descuidado, faltoso, sem interesse. Não o queria mais sob a sua direção. Era um elemento máu...

O Mestre querido ouviu a queixa toda. Depois, suavemente, perguntou:

E qual será então o seu trabalho? A humanidade é composta de bons e máus. Retirar os ultimos é diminuir a significação dos primeiros; tornar os máus em bons é conquista, é alcance de valôr... Todo o homem, por peor que seja, traz consigo o germen do Bem e da virtude. E o trabalho do dirigente é procurar esse filão oculto.

Que se diria de um administrador que só se rodeasse de elementos operosos e inteligentes aos quais ele entregou tudo? Teria governado bem? Teria governado mal?

E daquele que, aproveitando os elementos que lhe deram foi-lhes o modelo de probidade, o incentivo ao trabalho, o estímulo, o exemplo no cumprimento do dever?

Ah! esse sim é que soubera governar... O queixoso refletiu um momento. Depois estendendo as mãos ao Mestre disse-lhe apenas: Obrigado!

Eu, que me achava presente, compreendi o alcance dessa gratidão: era a clareira da razão aberta pelo conselho salutar do Amigo.

E agora recordando essa linda passagem de sua vida toda de bondade e de trabalho tenho em mente o pensamento de Jouffroy:

«O maior contrasenso e a maior contração imag náveis seria admitir que esta vida fosse tudo; que o infinito de aspirações, que somos nós, coubesse todo na estreiteza de uma cova aberta na terra fôfa dos cemiterios.»

Não! De Francisco Vianna só se acabou a materia! O espirito, esse, em luz e em perfume, viverá sempre em nós,

Como uma estrela que sulcando os ares deixa rastros de luz no azul do espaço...

### Escola - continuação do lar

Quando alguém ouve falar em escolas tem logo á mente, como final confortador, como um doce complemento, a expressão feliz e grandemente empregada — continuação do lar.

E, olhos fechados, deixa o espirito embalar-se dentro de uma casinha limpa e deliciosa, onde a figura gracil de uma mulher domina e onde três ou quatro crianças saídas e lindas, em volta de uma mesa estudam e preparam as lições para o dia seguinte.

E o espirito, feliz, vê ainda um homem moço, suspendendo de quando em vez a leitura para atender ás solicitações deste ou daquele petiz.

Mais sedento de doces emoções, novo quadro se lhe apresenta: é o dia seguinte! O pae ou a mãe, conduzindo os filhos pela mão, deixa-os á porta da Escola.

E então, um desafogo de satisfação, completa a alma:

Escola...continuação do lar!  
Como é verdadeira esta expressão!

Mas, quem anda pelos morros da nossa

linda cidade; quem passa pelas vilas e becos, vendo nos primeiros as favelas a caírem e nos segundos os cortiços infectos; quem, em seu trajeto diario, encontra crianças, comboiando crianças, de escassas roupas uns, e, totalmente nus os outros; com as boquinhas maculadas pelo alcool e pelo fumo e ainda mais por palavras malsãs; com as alminhas pervertidas pelos exemplos crús, muitas vezes dos proprios paes e sempre de creaturas sem responsabilidade; esse não poderá repetir a expressão consoladora:

Escola...continuação do lar!

Que lar, si o não conhece o pequenino vagabundo para quem a rua tem mais encanto que o sórdido quarto em que come e dorme em promiscuidade com os paes e irmãos?

Que lar, si mal abre os olhinhos para a luz é atirado á rua como um peso que se alija, como um fardo de que se descansa um pouco? E a rua para ele é o seu dominio.

Para comer basta estender a mãozinha magra e suja e uns tostões caem nela, piedosos e bons... Para comer, um pequenino furto aqui, uma mentira maior acolá...

Qu'importa o pae que, mal sahindo das oficinas vai para o botequim da esquina beber e jogar para esquecer e aventurar a sorte? Que lhe importam a Mãe e os irmãos? A primeira, sempre irritada, envelhecida precocemente pelo trabalho e pelos desgostos, incapaz de um esforço para vencer, creada e nascida naquelle meio hediondo que nunca teve segredos para ela... E os irmãos pequeninos, procurando imital-o nas más respostas e na sua aversão pelo trabalho.

E é a rua a sua atração: luta com os companheiros, é espancado pelos donos de armazens, mas vingá-se logo, atirando-lhes á casa, pedras que colhe e ajunta como defesa; retribue em maior escala o insulto do motorneiro ou recebedor ao faze-lo deixar a trazeira do bonde em que trabalham.

E á noite, cansado, sujo, volve ao quarto. Lá o esperam o tamanco do pae, o pão duro, a palavra aspera da mãe sofredora...

A's vezes vae á escola, mas como lhe são penosas essas horas? Gazeia então. A professora manda saber o motivo das faltas. Quem lhe dará as informações pedidas?

Ninguém!

Para esses desherdados da sorte cabe á Escola crear-lhes o lar prendendo-os o mais

possivel no convivio são dos mestres, na alegria inocente de seus colegas.

Esse problema, magno sob todos os pontos de vista, não tem sido descurado pela actual administração do nosso municipio.

Escolas particulares mantêm contrato com o Departamento de Educação para o internamento de menores. Inauguraram-se treze lindas escolas publicas e, em duas delas, o brilhante Diretor do Departamento, Dr. Anisio Teixeira, mandou crear turmas especiais de 150 alunos com o direito de permanecerem o dia todo na escola, saindo apenas para o almoço e para a merenda.

Mas ainda não é o bastante.

Ha uma multidão de creanças que precisam ser arrancadas das ruas.

E, para isso mistér se faz uma proteção decidida e obrigatoria.

Faz-se mistér a criação de escolas com o unico fito de prende-las aos estudos; escolas para as quais irão esses rebotalhos da sociedade, pela manhã, saindo sómente á tardinha para a casa.

Na escola terão o seu banho, café, almoço e merenda; na escola estudarão, praticarão dispostos, frequentando oficinas, aprenderão a ler, a cantar, a rir...

Em pouco tempo serão eles que levarão para o quarto escuro a idéa de hygiene, ao principio combatida, mas depois aceita; a nota de arte, a alegria do trabalho e, quarto indesejavel antes, e rua sedutora, serão completamente modificados: o quarto, um recanto asseiado e a rua um caminho apenas para as compras e para a escola. Então a frase que encimou este artigo será linda e consoladoramente invertida:

Lar... criação da escola!

Mas objetarão: Quanto dinheiro será preciso gastar-se!... Uma fortuna!

E não será em vão esse gasto, podemos afirmar d'aqui.

Não será em vão!

O dinheiro que se emprega para proteger crianças atiradas á rua é dinheiro que se póe a render; é dinheiro cujos juros virão mais tarde, juros vantajosissimos, pois cada pequeno será no futuro um cidadão dando ao Brasil a sua contribuição de trabalho honrado, o seu nome de homem probo e digno.

Experimente o Amigo dos pobres, o Sr. Dr. Pedro Ernesto, nosso digno Prefeito; ex-



perimento o Sr. Dr. Anísio Teixeira, Diretor do Departamento de Educação, para quem o problema da criança desvalida é problema que lhe vem merecendo os mais cuidadosos estudos...

Ordemem a criação dessas escolas em que pese a paralisação de outros aparelhamentos. Tudo pôde esperar menos essa infância que cresce em perversão e maldade, em contraposição a seu físico cada vez mais anêmico, raquitico e enfezado...

LEONOR POSADA.

## A tuberculose e a vacinação B. C. G.

(Conferencia proferida pelo prof. João Marinho no Rotary Club)

«Srs. Rotarianos: Ha em nossa lingua um verbo cuja significação a grosseira dos tempos deturpou. Namorar não tinha a significação ativa que lhe emprestamos hoje. O que se diz ativo era passivo. Namorar é das coisas que nos rodeiam e quando Camões subiu aos céus para interceder pelos portuguezes «tudo quanto via o namorava». O Rotary me namora e não é pela primeira vez que aqui estou para ter a satisfação de proferir algumas palavras no vosso gremio.

Quando daqui a 7 dias, na proxima sexta-feira, vos reunirdes de novo aqui, terão desaparecido da Capital Federal, victimados pela tuberculose, 84 pessoas, o que quer dizer, aproximadamente, que em cada duas horas morreu um. Trezentos por mez, 4.300 e tantos por ano. Mas agora vejo que, querendo ser breve e arredondando a conta, fiquei aquém da verdade, porque ela é de quasi 5.000 por ano. Em 1932, desapareceram 4.965 tuberculosos; em 1933, 4.900 e poucos; em 1934, 4.935. A regularidade e paridade de tão altas cifras significam uma porcentagem só possível nos grandes numeros e realmente a quantidade de tuberculosos que existe não só na Capital Federal como no mundo inteiro não é facil de saber-se. Sabemos exatamente quantos mor-

rem, porque o cadaver dá na vista, tem de ser enterrado, mas os que andam espalhados são em medida incalculavel. Comtudo, a Higiene, muito mestra em tirar cifras positivas das estatísticas nos faz a conta. Para cada obito de tuberculoso contam-se 5 casos de ativos, como se diz, o que quer dizer 5 casos de tuberculosos abertos, contagiantes. Multiplicando-se por 5, esses 5 mil, temos, certamente, na nossa capital, 25 mil tuberculosos. Mas, não é tudo. Para cada caso ativo, a higiene faz a conta de 3 casos fechados, isto é, 3 casos suspeitos. E 25 mil multiplicados por 3, são 75.000, o que quer dizer que temos na Capital Federal um batalhão anonimo de 100 mil emissarios do mal.

Os 75 mil, soceguem, não constituem perigo, mas os 30 mil, esses, representam o grande perigo da propagação da tuberculose.

Antes de passar a outro assunto permiti que classifique em 3 gerações successivas os tuberculosos, a de traz empurrando as duas cada vez mais graves para diante, até que, no extremo, os 5 mil precipitam todos em onda nos cemiterios.

O que se tem feito para debelar o mal? A propaganda higienica, os sanatorios, os dispensarios e, ultimamente, a vacinação BCG.

A frente de todas as iniciativas, está, entre nós, a Liga Brasileira Contra a Tuberculose. Ela foi a pioneira que orientou todas as outras iniciativas. Fundada em 1900, pouco depois obteve as primeiras leis municipaes de notificação compulsoria, desinfecção e de proibição de escarrarem os doentes por toda a parte.

A presença, entre nós, do illustre diplomata Pinheiro Guimarães, traz-me á memoria uma reminiscencia da época em que seu illustre pae e eu eramos colegas e companheiros no Colégio Pedro I. A intelligencia de Pinheiro Guimarães redigiu o jornal «O Combate», no qual havia uma seção de colaboração ampla, com o titulo muito sugestivo e proprio do meio, de «Ensaio para pulgas». Alguem, focalizando o máu costume que muitas pessoas têm de escarrar no chão e que a Liga Brasileira Contra a Tuberculose procurou extirpar, fez a seguinte quintilha, que espe-

ro os anos não me tenham impedido de conservar fielmente: (E citou os versos do «O Combate» que arrazavam o colega cuspinhador).

Isso era da época, era o que acontecia naquele tempo e se quizermos medir a distancia que vae entre a nossa polidez de ha 40 annos atraz com a de hoje, havemos de verificar que sempre avançamos um pouco, nesse particular.

Em 1902, a Liga fundou o seu primeiro dispensario. Em 1907, o Dispensario Azevedo Lima; em 1910, o Dispensario Viscondessa de Moraes. Só não fez o sanatorio, porque fez melhor, o dispensario. Em 1927, instituiu a vacinação BCG. Fundou assim o meio mais seguro, mais simples e o mais sobretudo economico, da luta contra a tuberculose, entre os 3 meios que enumerei de combate, o sanatorio, o dispensario e a vacinação BCG.

Só podereis fazer idéa do que vale a vacinação BCG se me permitirdes fazer uma recapitulação sobre os dois outros.

O que é o sanatorio? Um hospital onde se segregam os tuberculosos. A higiene faz a conta de que para cada obito deve haver 5 leitos para tuberculosos e a tendencia moderna é para mais, é para duplicar o numero de leitos. Os 5 mil que morrem, pois, exigiriam 5 mil leitos ou, pela conta moderna, 10 mil leitos. Numa memoravel lição que o Professor Antonio Fontes fez o ano passado na Liga e para a qual me deu a grande honra de assistir-a junto á comissão técnica, disse ele que a Inglaterra, para cada 24 obitos, tem 31 leitos. Vêde bem, bem pouco mais do que um por obito. A Hollanda, para 10 obitos, aparelha 14 leitos. A America do Norte, não fosse ela a America do Norte, aparelha para cada obito 2 leitos. Mas, como exemplo, não exagero dizendo extraordinario, de energia no combate á tuberculose, está a Italia. Ela fez as suas contas e verificou que precisaria de 92 mil leitos. Em 1929, instituiu o seguro obrigatorio contra a tuberculose. Naquele ano, tinha 3 mil leitos e já no seguinte, em 1930, 15 mil. E eu vou procurar em outra fonte que de Outubro de 1933 a 1934, dispendeu 90 milhões de liras com sanatorios e, este ano, 110 milhões de liras.

E nós? Nós? Não estamos muitos

ruins, vamos ver. Não tão ruins como parece no confronto que vou fazer. Nós temos 900 leitos, 900 leitos muito esticados, com 760 contos na verba global para a profilaxia contra a tuberculose. Nós, com 100, 150 contos, muito chorados, muito implorados, muito rogados, de subvenção á Liga!

Meus senhores: Felizmente para nós que não nodemos subir ás alturas astronomicas e que, porque não havemos de confessar—porque falta de dinheiro não é deshonra? nós, que não somos ricos como os americanos e a quem nos falta a energia de um Mussolini ou a perseverança fleugmatica dos inglezes, se, por um desses milagres pudessemos aparelhar o maximo da boa conta que vem a ser 10 mil leitos, ainda assim manteriamos de fóra 15 mil tuberculosos, segregando o bacilo e contagiando o resto.

Mas ha peor. E' que naquela conta de 92 mil leitos da energia italiana, conta-se a hospitalização apenas de 6 mezes e o periodo médio em que o tuberculoso é contagiante é de 2 1/2 ancs. Isso quer dizer que a segregação por seis mezes representa uma quinta parte do necessario. Seis mezes que ficam em hospitalização em 5 semestres que deveriam ficar, é um semestre de segregação e 4 que ficam fóra. O sanatorio é instituição que pouco serve ao individuo, porque por definição de seu estado grave de saúde já entra nele em condições muito precarias. A vida média de um tuberculoso é de 4 anos e, assim, pouco lhe serve o sanatorio porque se vê como é deficiente a segregação que ele oferece.

Se tivesse responsabilidade no assunto, não ousaria num ambiente destes proferir o que vou dizer: o sanatorio, no estado atual, é um preconceito, é um tabú, e o mais caro dos 3 meios que existem para o combate á tuberculose.

O dispensario, não. Já que, em tuberculose contam-se tantos termos de guerra, permito-me dizer que o dispensario é a cabeça de ponte na luta contra a tuberculose. Os 5 mil moribundos, premidos pela gravidade da doença, procuram o dispensario.

A ultima estatística da Saúde Publica mostra que procuram o sanatorio 5 mil doentes e os dispensarios Azevedo Lima e

Viscondessa de Moraes, aproximadamente 1.500. As enfermeiras, guiadas por esses doentes graves, vão encontrar os 25 mil ativos e com tanto mais facilidade quanto a tuberculose é doença essencialmente familiar.

Nos dispensarios pôde-se formar idealmente a campanha contra a tuberculose, que se resolve em dois itens: segregar os contagiados e vigiar os predispostos. As enfermeiras vão assim, por intermédio dos que vão morrer, procurar aqueles que se preparam para morrer.

Aliás, a tuberculose não faz exceção a qualquer outra doença. Foi segregando e vigiando que Clementino Fraga susteve o surto de febre amarela em 1928; foi segregando e vigiando que Almeida Magalhães acabou com o surto de febre tifoide em Angra dos Reis; é segregando e vigiando que a Saúde Pública, em intervalos regulares, não deixa a peste importada com intermitências, se insinuar. A tuberculose também exige, na sua profilaxia, segregar e vigiar. Lá porque o problema toma aqui um grande vulto, a medicina não tem culpa disso. É precisamente aí que a Medicina diz: aqui está o ponto nevrálgico da questão, em que o problema da luta contra a tuberculose se divide em: tuberculose, problema medico e problema solúvel, e tuberculose, problema social, que se vai misturar com os muitos outros que a política não soube ainda resolver.

Se o sanatório é um preconceito, se o dispensario é a cabeça de ponte na luta contra a tuberculose e, julgado bem, é simplesmente um meio de amparar os tuberculosos, tratá-los se for possível e evitar que tragam malefícios á sociedade, há ainda coisa muito melhor que é evitar que o individuo desde o berço contraia a tuberculose. Se o Sr. Presidente me desse licença de ocupar mais três minutos em um parentesis, eu chamaria a atenção para um ponto especialmente para alguns que não conhecem o que é imunidade.

Quando nós temos febre tifoide, febre amarela, escarlatina ou diphtheria, e escapamos de morrer, nunca mais teremos a mesma doença. Por que? Porque se formam no sangue elementos que os doutores chamam de anti-corpos, que impedem a acumulação dos germes daque-

las doenças dentro de nós. Ora, a vacina não é mais do que a reprodução sistemática do que a natureza faz espontânea e ocasionalmente. Mas a natureza é bruta e cega. Em 1928, em 125 casos de febre amarela, morreram 77; em 1929, em 630 casos, morreram 377, e isso quer dizer que a febre amarela matou mais da metade dos atacados. Os que escaparam não terão mais a febre amarela, não escaparam da morte, mas dos riscos dela. Se estes que morreram se tivessem vacinado, não teriam morrido. Em 1907, a variola matou aqui 10.000 pessoas. Onde há mais um obito de variola aqui? Graças á vacinação sistematizada, a variola não mata mais ninguém.

Com a tuberculose, é o mesmo problema. O ponto estava em encontrar um agente tuberculoso suficientemente energético para imunizar e deficientemente patogenio para causar o mal. Foi o que descobriu Calmette. A gloria do Ministro que agora se senta, entre nós, não é do Ministro mas é do Dezembargador. Foi elle que desembargou a consulta técnica, a consulta que pediu insistir desde logo a vacinação do BCG. Murmurava-se, talvez, com certo receio teorico, contra o BCG, mas a sua atilada inteligencia logo percebeu a situação. Calmette, o sabio, discípulo de Roux, que vinha em linha réta de Pasteur, garantiu, depois de 13 annos de estudos experimentais, que o bacilo não fazia mal e imunizava.

Senhores: aqueles três minutos que pedi ao Sr. Presidente se resumiram a dois e vou terminar dizendo que o bacilo é inteiramente inofensivo.

Em 1928, na Sociedade das Nações uma comissão de clinicos, bacteriologistas e veterinarios, porque o BCG não é só para nós homens mas também para os nossos irmãos animais — os bois — apresentava o resultado de suas observações e a Liga das Nações concluiu que não fazia mal a vacinação. Em 1930, a celebre conferencia de Oslo chegou á mesma conclusão, e a Academia de Paris ratificou a mesma opinião. Agora, em 1935, Guerin, sucessor de Calmette, na direção da campanha de profilaxia contra a tuberculose, vem dizer, e nós juntamos o que ele não disse porque sabemos, que há mais de um milhão de vacinados no

## NÃO CONTINUE A PAGAR ALUGUEL A VIDA INTEIRA!

Mais de 80 % da população dos Estados Unidos possui a sua casa.

85 % da população carioca paga aluguel!

Para a solução d'este problema muitas sugestões e propostas lhe serão apresentadas, mas —

— EXAMINE —

— COMPARE —

— REFLITA —

E chegará á conclusão de que, o plano ideal lhe é oferecido pela

## EQUITATIVA PREDIAL

Av. Rio Branco 125 - 2º.

— RIO DE JANEIRO —

# d'A Escola Primaria

Forma um volume de perto de 300 paginas. Conferencias pedagogicas. Artigos doutrinarios. Interessantes trabalhos sobre a Escola Activa. Lições e exercicios praticos que constituem excellente guia para o professor.

**PREÇO** { encadernada :..... 16\$000  
em avulsos ..... 12\$000

Dirigir os pedidos á Redacção d'A ESCOLA PRIMARIA

Rua 7 de Setembro, 174

RIO DE JANEIRO

mundo, — vem dizer que 34 paizes instituíram o BCG com 52 laboratorios experimentais, não se registrando um só acidente contra a vacina, nem se ouvindo nenhum comentario teórico contra ela.

Em França, em cada cinco crianças que nascem, uma é vacinada. Notem bem — e se eu tivesse voz, clamaria bem alto, — nas familias tuberculosas, a mortalidade das crianças de 0 a 12 mezes ficou reduzida a oito vezes menos do que nas outras que não eram vacinadas. Surpresa do BCG, a mortalidade das crianças se reduziu á metade.

E nós? Otimo! Otimo! Aquela clarividencia de inteligencia do Sr. Ministro, Presidente da Liga, tem o alto criterio de separar nitidamente o que é poder espiritual, sabe tomar conselhos e não se meter no terreno dos seus técnicos. Se S. Ex. me permite uma liberdade, não sei se sabe relativamente medicina, mas tem a grande virtude de não ter raiva dos que sabem. Em 1927, entregou a direção unica do BCG á proficiencia de Arlindo de Assis.

Em 1934, das 30.000 crianças que nascem todo ano, vacinam-se 7.000, numa proporção de pouco menos de um para quatro. Guerin faz a vacinação em uma para cinco crianças, é verdade porém, que nós vacinamos só na Capital Federal, mas Arlindo de Assis verificou a mesma mortalidade diminuida, verificou que tambem metade das crianças sujeitas a todos as doenças não morrem.

Se com aqueles 500, 150 contos muito chorados, se com isso já conseguimos imunizar a quinta parte dos recém-nascidos, se o nosso orçamento de milhões der um pingão de mil contos todos os anos para ser entregue á alta competencia da Liga Brasileira contra a Tuberculose, ela vacinaria, com certeza, um pouco menos de 100 crianças, que são quantas nascem todos os dias, e daqui a alguns anos, talvez, aquelas 30.000 que falecem estariam reduzidas a oito vezes menos. A Capital do Brasil ainda se inscreverá no registro de salubridade talvez como a cidade mais salubre a respeito de tuberculose.

Tudo isso vem a ser o desenvolvimento do ponto que me deram para palestrar hoje comvosco e eu concluo di-

zendo-vos que o pratico na luta contra a tuberculose é a vacinação BCG e o pratico dos praticos é aquele pingão de chuva de 1.000 contos entregues á benevolencia da Liga Brasileira contra a Tuberculose. (Palmas)."

## Língua Materna

Pergunta-me um aluno, em carta, qual a etimologia da palavra tartaruga.

O quelônio a que chamamos tartaruga, denominam os franceses *tortue*, os castelhanos e os italianos, como nós, tartaruga, os latinos *tartaruga* (latim medieval) e os gregos *tartaroukhos*, (baixo grego).

Além de tartaruga tem o italiano a forma *tartaruco* e o castelhano *tartaruga*. Vi a forma *tartaruga*, castelhano, no Dicionário de Meyer Lubke. O nome *tortue* provém do latim popular *tortuca*, de *tortus*, torcido, alusão ao feitio dos pés, ou dos dedos, do animal.

*Tortuga*, castelhano, também se filia em *tortuca*.

O Sr. Antenor Nascente, de certo copiando livros velhos, escreveu :

«Tartaruga.—Do lat. *tortuca*, em vez de *testudine*, pela forma torcida (*tortus*) dos pés (Brachet, Clédat...)

Esses autores porém não tratam de tartaruga. Falam de *tortue*.

Evidentemente esse termo francês, bem como o castelhano *tortugo*, vem de *tortuca*.

Mas, não creio que um etimologista actualizado entronque tartaruga em *tortuga*, o que exigiria transformações artificiosas. Note-se, de passagem, que um dos grandes filólogos portugueses, há pouco falecido, procurou defender a condenável etimologia.

Qualquer livro moderno, que trate do assunto, nos diz que teve o antigo provençal a forma *tortuga* que, como a portuguesa tartaruga, advém do latim *tartaruga*. Copio do Dicionário de Oscar Bloch :

«... *tartaruga*, que designou na baixa época uma animalia infernal, do Tártaro, feminino de *tartarucos* (do baixo grego *tartaroukhos*, com o mesmo sentido); o emprêgo dessa palavra para designar a tartaruga vem de que foi o bicho tomado como simbolizador dos heréticos, como significa, em as repre-

sentenças figuradas, o espírito das trevas, do mal, em luta com o galo, imagem do bem...»

Está entrando pelos olhos, até mesmo pelos olhos dos que enchem pouco e não curam de Filologia, que sendo o réptil em aprêço chamado *tartaruca* em latim e *tartaroukhos* em grego, não se faz mister esforço para de uma dessas palavras tirar tartaruga.

Meyer-Lubke, no Dicionário, pelo menos na edição que possui, filia o italiano *tartaruca*, o espanhol e o português *tartaruga*, no grego *tartaruchos*, cf. se vê no verbete número 8589 a, da 3ª edição, que há muito tempo vinha sendo distribuída em fascículo e já se encontra nas livrarias, em volume completo.

Possivelmente o etimologista do Colégio de Pedro 2º viu apenas as velhas edições do livro monumental elaborado pelo filólogo de Bona.

A tartaruga, em latim clássico, era designada por *testudo*, inis, nome encontrado nas boas obras para designar o animal, sua carapaça, determinada máquina de guerra, certa couraça...

Mas, o serem, de certo modo, sinônimos os termos *testudo* e *tartarucos* não significa que um provenha de outro, como pode desumir-se da leitura do lanço inicial do sr. Nascentes.

A respeito de tartaruga, esparrama-se esse autor em considerações cuja leitura é de todo em todo inútil para quem conhece os textos de Bloch, de Meyer Lubke. Em grego clássico, era a tartaruga dita *cheloné* donde nosso termo *quelônio* e derivados. Há em Botânica, na família dos escrofulariáceas, o gênero *Chelone*, assim chamado por Lineu, que achou semelhança entre sua flor e a concha do referido animal. Existe a quelonina, ná «Chelone glabra».

Ao revestimento das tartarugas, e de outros quelônios, chamam os espanhóis *carapacho* e os franceses *carapace*.

Salvo engano, nossos dicionários não consignam *carapaça*, encontrada em livros de Zoologia. Podemos adoptar *carapaça* ou *carapacha*.

### ACOMPANHE A EVOLUÇÃO

Saber taquigrafia é saber muito, é saber tudo quanto os outros sabem e dizem. A taquigrafia é o escriptorio que recolhe o saber humano e aos humanos o exhibe como gema preciosa. Matricule-se na Escola Reminton, á rua 7 de Setembro, 59 e estude taquigrafia»

Bloch dá carapacho, castelhano, como de origem desconhecida. Meyer Lubke no verbete de cappa, diz carapacho de caparacho». (n. 1642. Ed, 3ª).

Também a concha, assim de quelônios como de moluscos, era dita *testa*, e os animais que possuíam o envoltório eram ditos *testaceus*, que deu em português o adjetivo *testáceo* — o que tem conchas, enconchado. Em latim, *testaceum* é teijolo e *testaceus*, além do sentido apontado, tem o de barro cozido, de terra cota, coisa feita de teijolo ou de sua côr. Os últimos sentidos, acredito, não passaram para o português, visto como não estão nos dicionários bons e neles ainda não topei em minhas leituras. Sómente no Dicionário do sr. Nascentes vejo :

«Testáceo — do lat. *testaceu*, de barro cozido, de tijolo.»

*Testa*, æ, em latim também correspondia ao grego *kranion*; deu nosso termo *testa*, o francês *tête* e o antigo provençal *testa*. Note-se que *testa*, em português, não traduz o *tête* francês. O último há-de traduzir-se por crânio, caixa craniana ou cranial, cabeça (do latim *capitium* e esse de *caput*).

O sr. Nascentes escreve : «Testa... Já aparece com o sentido de caixa do crânio em Prudêncio, Ausônio e Gêlio (Diez. Gram. 1.22)».

Caixa de crânio é lapso, si não erro. Crânio é a «caixa óssea que encerra e protege o cérebro». (Ramiz).

Também no Breal se encontra a expressão defeituosa «caixa de crânio»: *Testa* designou por metáfora a caixa óssea do crânio. Já está em Ausônio, em Prudêncio».

*Testa* tem outros sentidos.

E' do Varrão, de sua obra intitulada «De Lingua latina», o seguinte trecho onde aparece *testa* como revestimento ceratinoso ou córneo do *testudo*: «Item aliae in hoc genere a graecis, ut *querquedula*, *kerkouris*, *halcedo* quod ea alkyon; latina, ut *testudo* quod *testa* tectum hoc animal...» ou, em linguagem nossa :

«Ainda há outros nomes, derivados do grego, como *querquedula* (*cerceta*), de *kerkouris*: *halcedo* (*alcione*) de *alkyon*; ou latines, como *testudo*, porque o animal é reves-

tido de couraça espessa, *testa*,...» (Pág. n. 490. Ed. de Nisard. 1863).

A *cerceta*, espécie de pato selvagem, também dita *adem*, é do gênero *Querquedula* e nos livros latinos soe ser confundida com a *alcedo* ou *halcedo*, de que se vê noticia no texto de Varrão. E' ave aquática chamada em português *pica-peixe*, *guarda-rios*, *maçarico* ou *alcione*, nome último do gênero masculino, nada obstante Garrett tê-lo feito feminino nos conhecidos e sonoros versos de seu primoroso Camões :

«Longe por esse azul dos vastos mares,  
Na solidão melancólica das águas  
Ouvi gemer a lamentosa Alcione  
E com ela gemeu minha saudade.»

(C. Vº III).

E' relativamente comum dizer-se *alcione*, com acento no *o*, de certo por influência do francês, em cuja lingua se diz *alcione*. Em nossa terra, não sei se também em Portugal, *alcione* é nome próprio, de senhora e conheço uma que se dá como *Alcione*.

Ramiz Galvão acentua *alcione*, com *y*, e escreve : «*Alcyon*, *alcion*, *alcione*, *alciona*, são formas tôdas condenáveis.»

Gonçalves Viana regista *alciona*, *alcione*, feminino, e *alcião*, masculino. Nas duas primeiras põe o acento no *i*. Santos Valente—Aulete, figuram a prosódia *al-ssi-ù-ne*. A Coelho, relativamente á ave, dá sómente *alcyão* ou *alcyon*. Com relação a uma estrela das Pleíades, consigna *alcyône*, com acento no *o*. No Dicionário de Moraes, nas primeiras edições 2ª, 3ª, 4ª e 5ª está a palavra sem acento. Na 6ª, porém, no verbete *alcyão*, vê-se *alcione*. Em os *Lusiadas* há o adjetivo *alcionia* :

«As alcionias aves triste canto  
Junto da costa brava levantaram.»  
C. VI. Est. 77.

Há, na lingua, *alcionio*, *alcionia*, com outro sentido, registado em Moraes, desde a 1ª edição, «*Alcionio*, adj. Dias alcionios são os dias serenos, de bonança. Arrais. 10.6, e fig. do tempo em que não temos trabalhos, bonancoso.»

Os alciones prognosticam o bom tempo, a bonança, daí a expressão «dias alcionios», correspondente a *alcyonides dies* ou *alcionei dies*, encontrados nos autores latinos. Vejo em Varrão : «...haec hieme quod pullos dicitur tranquillo mari facere, eos dies *alcyonios* appellant.»; ib est, «Chamamos dias alcionios aos do inverno em que se diz que a

ave faz seu ninho no mar, que está sereno...» (Op. cit. Lib. VII. Par. 88. P. n. 537).

Os alcionios de Camões tem nome ligado à fábula. Alcião, da mitologia, foi morto por Hércules; suas filhas se precipitaram no mar e foram mudadas em aves, — os alcionios. Nas *Metamorfoses*, Ovidio fala em uma Alcione a qual avisada em sonhos que o marido perecera num naufragio, foi procurar-lhe o corpo; ao encontrá-lo deu-se inteiramente ao desespero e atirou-se ao mar. Foi transformada em ave, que de noite, dá sentidos pios... O Sr. Nascentes escreveria, com impropriedade—«soltava gritos», como se verá no artigo onde se tratar do termo *procelária*.

Nos celentérios, no grupo dos cifozoários, existe o gênero *Alcionum*, *alcione*, em português, *alcion* em francês.

Para mudar de assunto, lembremos que, para o zoólogo, o *alcione* não é o mesmo que o *maçarico*, mas passo pelo assunto e apenas lembro que tôdas essas aves são chamadas *almas-de-mestre*. Segundo a lenda corrente entre marinheiros, elas carpem os capitães de navios, os mestres, cujos corpos victimas de naufrágio fluctuam no mar, e soltam lamentosos pios, até que o corpo desce á terra. Está no «Camões» de Garret :

«Alta noite, escutei o carpir fúnebre  
Do nauta que suspira por um túmulo  
Na terra de seus pais; e dos longos pios  
Da ave triste, juntei meus ais mais tristes».

E, em nota, Garrett dá a razão do nome. —*Adem*, termo de que falamos atrás como outro nome de *cerceta*, provém do latim *anas*, *atis*, genérico da ave a que chamamos marreco. O pato e o ganso eram ditos *anser*, *eris*, nomes dos quais vemos a raiz na palavra portuguesa *anserino*.

Ánate, latino, transformou-se em *ãade*, depois a nasal repercutiu na parte final da palavra, deu *aadem* e, por fim, *adem*, segundo ao que ensinam os filólogos. *Cerceta* é transformação de *querquedula* e noutra oportunidade examinarei o modo como daquele termo do latim clássico chegamos ao português *cerceta*, creio que não usado aqui no Brasil, sinão na linguagem dos estudiosos, dos eruditos.

—A melhor grafia é *teijolo*, palavra que nos vem do castelhano *teijuelo*, de *teja*, esse de *tégula*, origem também de nossa palavra *telha*, ensina G. Vianna

PEDRO A. PINTO.

### TRES PALAVRINHAS

*Tres nomes proprios estrangeiros*

**Gogol.** --Nikolai Gogol, grande escritor russo, poeta e romancista, desaparecido em 1852 dentre os vivos.

Ouve-se frequentemente dizer *gogól*, mas a verdadeira pronuncia é *gógol* e assim devemos procurar ir corrigindo.

**Turquetet.** — Tambem se escreve *Turgenef* e *Turgenew*. Outro notavel escritor russo, poeta, novelista e romancista, morto em 1883.

Ouve-se frequentemente dizer *turquénéf*, mas a verdadeira acentuação é *turguénef*.

**Mandchuria, Mantchukuo.** — A primeira fórmula é talvez a mais divulgada; entretanto é escrita erronea em nossa lingua, pois deveriamos preferir *mantchuria*. Organizado, porém, o estado independente em 1932, tomou o nome de *Mantchukuo*. Assim, pois, devemos escrever, pronunciando de acôrdo.

#### Correspondência de Tres Palavrinhas

**P. S. Q.** — A fórmula *pégo* é usada exclusivamente na linguagem infantil. E' o suposto participio passado irregular, ou contrato, de verbo *pegar*: *pegado* ou *pégo*. Dizem as crianças: *Eu tinha pegado*, mas *Eu não fui pégo*.

Creou-se por analogia com *prendido*, *preso*; *escapado*, *escapo*, etc., mas a verdade é que dela não carecemos: a tendencia da lingua é usar os participios regulares, de preferencia aos irregulares.

**E. T.** — O livro adotado no Pedro II e no Instituto de Educação é *English, Direct Method*, 2 vols., editores J. R. de Oliveira & Cia., rua São José, 42. Na 5ª série da Escola secundaria do Instituto as alunas estão traduzindo a ótima antologia científica—denominada *Science Reader*, editores Paulo de Azevedo & Cia., (Livraria Franciscó Alves), rua do Ouvidor, 166.

MESTRE ESCOLA.

## Departamento de Educação do Distrito Federal

*Aumento de vencimentos do professorado primario, de acordo com os decretos 4.088, de 10 de Dezembro de 1932, 4.737, de 19 de Abril de 1934, e 5.126, de 24 de Setembro de 1934.*

#### DESPEZA

1933.....	659:200\$000
1934.....	1.272:033\$000
1935.....	1.629:000\$000
Total.....	3.623:233\$000

NOTA = Em consecuencia do regime anual e bienal de aumento de vencimentos, a despesa com o professorado primario, a partir de 1º de janeiro de 1935, foi aumentada de Rs. 3.623:233\$000.

*Aumento de vencimentos concedido durante o ano de 1933, ao professorado primario*

(A partir de 1º de Maio)

Diretores de escola.....	55
Adjuntos de 1a. classe.....	372
Adjuntos de 2a. classe.....	745
Adjuntos de 3a. classe.....	746
Total.....	1.648

DESPEZA : 659:200\$000.

*Aumento de vencimentos concedido durante o ano de 1934*

(A partir de 1º de Janeiro de 1934)

Professores (diretores de escola).....	68
« primarios (A a C).....	479
« « (D a H).....	418
« « (I a L).....	350
« « (M).....	327
« « (N a Z).....	381
Relação suplementar.....	7

### Pratica da Escola Nova

PLANO ESBOÇADO SOBRE O TEMA :

O trabalho como fator do progresso humano.

Orientação :

Estabelecer a comparação entre a vida do homem que trabalha e a de um que não trabalha, um ocioso. A felicidade do primeiro que vive calmo e que prospéra, cercado de respeito e estima e a triste situação do segundo que vive á custa dos outros ou de expedientes bem pouco louvaveis como o jogo, etc.

O trabalho dos meninos, os homens do futuro; seus deveres para com os pais, os mestres, e os colegas.

Na mocidade, o triunfo dos que se prepararam para a vida; a esperança que os anima e que se transfôrma em vontade para vencer.

O trabalho dos cientistas que passam a vida nos laboratórios, nas pesquisas de cujo sucesso resulta, para a humanidade, uma vida melhor. Alguns triunfam, tornam-se famosos, outros são vitimas de suas experiencias.

Citar alguns nomes como o de Pasteur, Oswaldo Cruz, etc.

A fortuna conquistada pelo trabalho.

O trabalho e o estudo movendo o mundo, tornando o viver cada vez mais facil. O trabalho modificando o aspéto físico da terra, pelo desmoronar das pedreiras ao fragor dos explosivos; pela modificação das curvas das praias, retificadas pelos cáes; morros que se arrazam para surgir majestosos edificios, como palacios dos contos de fadas.

O trabalho da lavoura que produz a farta mêsse que vae encher os celeiros.

A necessidade do trabalho continuo para que o progresso não fique estacionário.

O homem primitivo, as primeiras habitações. O grande trabalho para a construção da primeira casa; o primeiro barco, cavado no tronco de uma arvore, emfim, o trabalho como fator de todo progresso humano.

Gratidão que devemos aos nossos antepassados a quem devemos todo bem estar que gozamos.

Professores primarios (mediante requerimentos).....	2
Professores primarios (Nilsa Conde e Odilia Buriche Sarmento).....	2
Oyara Perdigão Drapier, Irene Dias Paredes e Graciosa Bidart (a partir da posse, em 1934, em face do decreto 4.194, de 22 de Abril de 1933)...	3
A partir de 1 de Janeiro de 1934, de acordo com o art. 15 do decreto 5.126, de 24-9-934 (professores diretores de escola e professores primarios).....	67
A partir de 1-6-934, de acordo com o art. 1º do dec. 5.126, de 24 de Setembro de 1934 (professores primarios).....	30

DESPEZA TOTAL EM 1934 :

1.272:033\$000

*Aumento de vencimentos concedido durante o ano de 1935, ao professorado primario.*

	50\$000	100\$000	
Professores (diretores de escola).....	52	1	
Professores primarios :			
Letras :			
(A a C).....	163	249	
(D a H).....	149	207	
(I a L).....	95	186	
(M).....	103	172	
(N a Z).....	157	183	
Total.....	719	998	1.717

DESPEZA :

1.629:000\$000

NOTA -- Nas relações acima não figuram as professoras primarias que, obtida a contagem de tempo de estagio, a que se refere o dec. n. 4.194, de 22 de Abril de 1933, terão aumento de vencimentos no corrente ano. A Secção de Pessoal fará, oportunamente, quando cessarem os pedidos da referida contagem, uma relação suplementar das professoras primarias que estiverem nessas condições, em numero superior a 300, segundo calculo aproximado.

O trabalho nobilitando o homem, elevando-o no meio em que vive. Todo trabalho é honroso: uns homens se entregam a rudes labores; outros estudam; alguns se aprofundam nas experiencias dos laboratorios mas tanto uns como outros, concorrem para o bem geral da sociedade.

A sociedade pôde figurar como uma grande maquina onde tão uteis são as possantes rodas como o menor dos parafusos.

Citar o trabalho para o fabrico do pão e dos tecidos. Desta parte deve se encarregar a professora de ciencias naturais. Terá ocasião de falar quanto ás qualidades e preparo do sólo; das sementes; de como se apresentam; da germinação, etc. Para o muzeu, os alumnos poderão trazer sementes e espigas.

Referindo-se aos tecidos, falará das plantas textis. Os alunos trarão amostras de tecidos de fibras vegetais.

Falando nas maquinas, lembrar o serviço das maquinas a vapor e o quanto facilitaram os meios de transporte.

A professora de ciencias sociais, lembrará os grandes inventos e os nomes de seus autores. O papel de cada um desses inventos no progresso mundial. O sacrificio a que foram levados alguns de seus autores, como Bernardo de Palissy, que para conseguir esmalte para a ceramica que fabricava, queimou a propria mobilia.

O trabalho dos animais: os primeiros auxiliares do homem; a abelha, a formiga. O trabalho do homem na destruição dos animais nocivos. Defesa agricola. Os mosquitos. Defesa sanitaria.

O trabalho com a criação de animais, etc.

Este plano é apresentado sob o aspecto geral.

Para a organização dos problemas a resolver, deixo a criterio das colegas, serviço, hoje, facilitado pelo auxilio das co-

ordenadoras. Todavia, para a aula de linguagem, no 5º anno, darei uma poesia para passar para prosa, por ser, justamente, essa poesia que fornece o assunto para este plano.

### Trabalhai !

As crianças—os homens do futuro  
Que do paterno lar têm agasalho,  
Partem contentes, mal desponta o dia,  
Para o estudo que é seu melhor trabalho.

A mocidade—aurora que desponta,  
Cheia de vida, riso e de esperança,  
E' animada de força prodigiosa  
Da vontade que tudo vence e alcança !

Pelo trabalho somos conduzidos  
Aos elevados píncaros da fama  
E pelo nosso esforço conquistamos  
A paz do lar que a fortuna derrama.

O trabalho e o saber movem o mundo,  
Transformando os aspétos mais remótos;  
Agindo de tal modo que parece  
A força indomita dos terremótos.

São pedreiras a se desmoronar,  
O machado a abater o tronco anoso,  
Edifícios que surgem de esplanadas,  
Na imponencia de um quadro majestoso.

E' o arado a sulcar o sólo fertil  
No pesado serviço da lavoura  
Que promete a madura e fertil mésse  
A recolher para a estação vindoura.

Trabalhai, pois, meninos, que o futuro  
De vossas energias tudo espéra,  
Que o progresso da Patria estremecida,  
Não vos pareça uma falaz quiméra.

O trabalho é a vida, é progresso;  
E' a senda que todo bem encerra !  
Que seja sempre nosso ideal sagrado  
O destino feliz de nossa Terra !

*Alda Pereira da Fonseca*

**CASA AZAMOR** RUA DO OUVIDOR, 55 — TEL. 23-0249 — RIO DE JANEIRO

UNIFORMES. Bluza, 5\$000 — Saia, 4\$000 — Calças, 3\$000  
— Meninos, completo 8\$000 — Meninas, completo 9\$000.

ALPERCATA AZAMOR. 18 a 26, 3\$300 — 27 a 32, 4\$300 — 33 a 40, 5\$300



# Mães

O leite materno é o melhor alimento para o bebê. TODDY é o melhor alimento para as mães que amamentam seus bebês.

TODDY é um alimento ideal para o anno inteiro. Os estomagos mais delicados digerem TODDY com facilidade.

# TODDY

**Nutre, fortalece e vigoriza**

**Fabricas em 19 paizes inclusive no Brasil**

**Casa Orlando Rangel**

DROGARIA E  
PERFUMARIA

**Rangel Costa & Cia.**

Grande deposito de drogas, productos quimicos, especialidades farmaceuticas e perfumarias, nacionaes e estrangeiras

83, Rua Republica do Perú, 83 — Rio de Janeiro

*A que mais barato vende perfumarias*

### Curso Gratuito de Francez da Alliance Française de Rio de Janeiro

A ALLIANCE FRANÇAISE DE RIO DE JANEIRO informa que reabriu seus cursos gratuitos de francez na sua nova sede, á rua Santa Luiza, 89-1º andar. Aceitam-se inscripções todos os dias, 17 ás 19 horas, com excepção dos sabbados, na sua séde social.

## A Constipação e a Função Biliar

Um preparado de alto poder eupeptico devo actuar principalmente sobre o estomago e sobre o duodeno que são os territorios mais importantes do trabalho digestivo.

Terminado o trabalho gastico de acidificação do meio (HCl), de peptonisação dos protides (pepsina), de isotonia, grau de concentração do meio liquido, o estomago em contracturas rythmicas faz lançar em pleno duodeno, atravez do pyloro relaxado, o chymo em porções regulares e intermitentes.

O duodeno é o theatro dos mais importantes phenomenos digestivos, pela convergencia das varias secreções, principalmente a hepatica e pancreatica.

Duodeno é um órgão de extrema sensibilidade, de inervação complexa a relacionada com todo o aparelho digestivo e com o systema nervoso central. O chymo só é lançado no duodeno quando attinge o seu maximo de acidez physiologica (em media 1°/00), mas cabe em pleno meio alcalino que neutraliza a sua acidez para iniciar a chylicação.

A secreção biliar, uma das multiplas funções do figado, entra em scena para representar os papeis, de antiseptico, lubrificante e estimulante da fibra lisa e corante das fézes. A bile provem directamente da glandula hepatica ou do seu reservatorio, a

vesicula, atravez dos canaes que se abrem no duodeno, pelo esphincter de Oddi.

Ora, o systema de canaes e a vesicula do figado tem entretanto muitas possibilidades de serem invadidos pela flora do intestino; a propria glandula hepatica, muitas vezes insufficiente, não secreta o bastante e nem sempre funciona com a necessaria regularidade.

Essa diminuição de cholerése dá lugar a varios symptomas que mesmo no aspecto menos grave os autores reuniram sob a denominação de *hepatismo*. O mais commum e apparente desses symptomas, é a prisão de ventre, o reseccamento, a emissão insufficiente de fézes com um terrivel e conhecidissimo cortejo de consequencias.

Entretanto, a prisão de ventre, por ser um dos soffrimentos mais communs, deu lugar naturalmente a uma enorme produção de medicamentos, na maioria dos casos, empiricos, sem um fundamento physiopathologico, aggravando constantemente o estado causal mecano chimico das atonias do intestino.

Qualquer medicação scientifica contra a prisão de ventre deve visar dois fins:—1°— estimular os systemas glandulares digestivos, especialmente a cholerése; 2° — augmentar a cinetica do tubo digestivo, estimulando o peristaltismo.

E' o que realisa admiravelmente a composição de *«peptol»*, cujo estudo tivemos occasião de evitar a V. Excia. em communicação anterior.

O emprego de *«peptol»* nos dyspepticos, nos constipados astenicos, tratá a V. Excia. os melhores resultados.

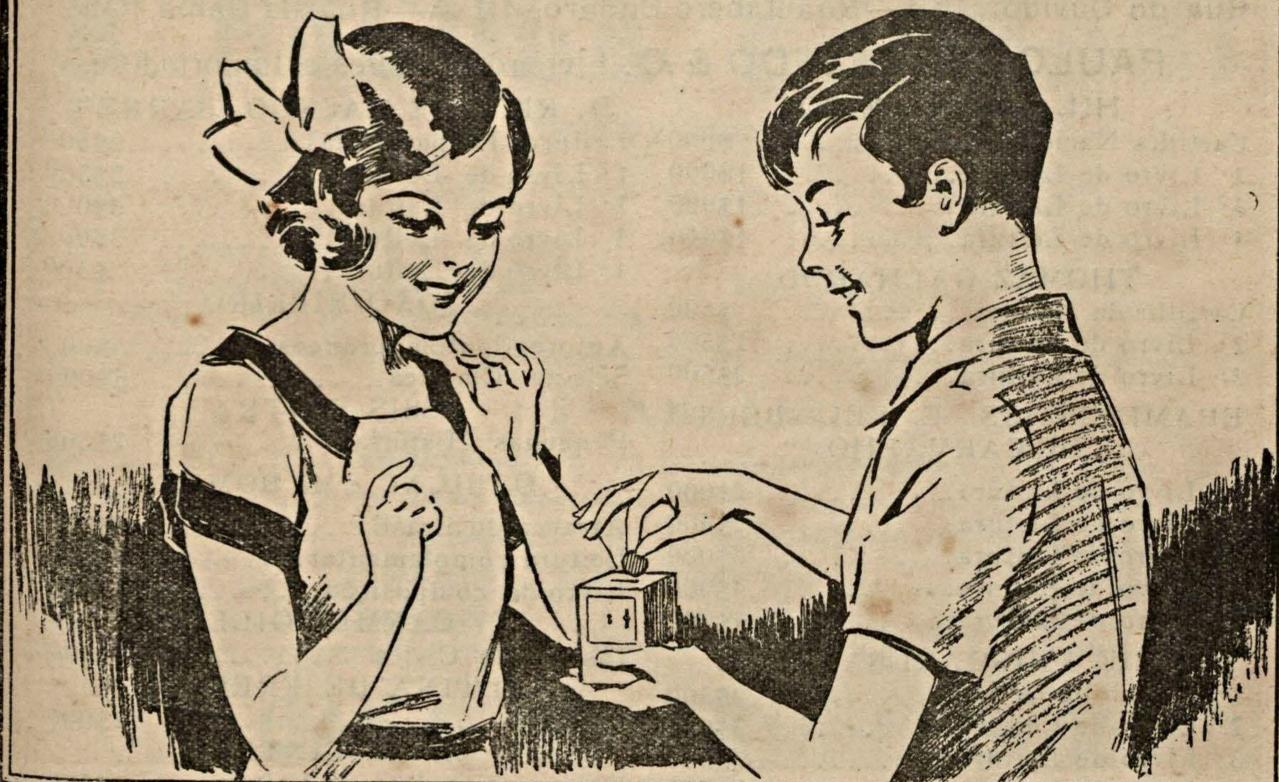
### Assistencia Dentaria Escolar

*Chamamos a attenção dos senhores dentistas escolares para o grande sortimento de artigos dentarios, que a CASA CIRIO oferece em optimas condições.*

Ouvidor, 183 — Phones, 22-9249 e 22-9446

## ECONOMIZAR...

*E' preferivel gastar e garantir o futuro..*



**H**A homens que economizam como as creanças... Estas vão juntando todos os nickéis que podem... De repente, não resistem á tentação de uma espingardinha, e logo se vae todo o cofreinho... Ha homens assim. Vão economizando com o pensamento dirigido no futuro dos filhos. Um dia, porem, apparece um negocio "vantajoso" e carrega todas as reservas...

Isto prova que, economizar pe'o simples habito de guardar dinheiro não pode satisfazer a quem vive do trabalho. Nesta situação, o melhor meio que se tem para deixar garantido o futuro, é fazer um seguro de vida. Um seguro pode ser feito em qualquer importancia. Ha planos para todos os bolsos. Para o Snr. ter um seguro protegendo sua esposa e seus filhos, tudo depende da sua vontade de estudar o assumpto e determinar o plano mais conveniente. Chame á sua casa um Agente da Sul America, e deixe que esse homem, experimentado em mil e um casos como o seu, lhe explique

as facilidades do seguro de vida. Os Agentes da Sul America são pessoas de absoluta idoneidade e treinados nesse mister. Milhares de pessoas, no Brasil, viram que podiam garantir o futuro de suas familias, depois que se avistaram com os Agentes da Sul America

**Nisto se começa a resolver seu caso!**

Preencha este coupon e mande-o á Sul America, hoje mesmo para receber, gratis, um folheto com uteis informações sobre o seguro de vida.



**A' SUL AMERICA**

Caixa Postal 971 — RIO DE JANEIRO  
E2

*Desejo receber, gratuitamente e sem qualquer compromisso — o folheto sobre seguro de vida.*

Nome .....

Rua .....

Cidade .....

Estado .....

# Sul America

Companhia Nacional de Seguros de Vida

# LIVRARIA FRANCISCO ALVES

RIO DE JANEIRO

S. PAULO

BELLO HORIZONTE

Rua do Ouvidor, 166 — Rua Libero Badaró, 49, A — Rua da Bahia, 1052

**PAULO DE AZEVEDO & C.** Livreiros Editores e Importadores

**HILARIO RIBEIRO**

Cartilha Nacional.....	\$600
2.º Livro de Leitura.....	1\$000
3.º Livro de Leitura.....	1\$000
4.º Livro de Leitura.....	1\$000

**THOMAZ GALHARDO**

Cartilha da Infancia.....	\$600
2.º Livro de Leitura.....	1\$500
3.º Livro de Leitura.....	2\$500

**EPAMINONDAS E FELISBERTO DE CARVALHO**

1.º Livro de Leitura.....	2\$000
2.º Livro de Leitura.....	2\$500
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	4\$000
5.º Livro de Leitura.....	4\$000

**SERIE FUJGARI-BARRETO**

1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	2\$500

**ARNALDO BARRETO**

Cartilha das Mães.....	1\$000
Cartilha Analitica.....	1\$800
Primeiras Leituras.....	2\$000
Leituras Moraes.....	2\$000

**FRANCISCO VIANNA**

Primeiros Passos na Leitura... Cartilha.....	1\$500 2\$000
Leitura preparatoria.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	4\$000

**JOÃO KOPKE**

1.º Livro de Leitura.....	2\$000
2.º Livro de Leitura.....	2\$500
3.º Livro de Leitura.....	2\$500
4.º Livro de Leitura.....	3\$500
Leitura Praticas.....	2\$000
Fabulas (em verso).....	1\$500

**D. MARIA ROSA RIBEIRO**

Leitura Intermediaria.....	2\$000
Leitura para o 2.º anno.....	2\$500
Leitura para o 3.º anno.....	2\$500
Leitura para o 4.º anno.....	3\$000

**D. RITA DE MACEDO BARRETO**

Leituras Preparatorias.....	2\$500
1.º Livro de Leitura.....	2\$500
2.º Livro de Leitura.....	3\$000
3.º Livro de Leitura.....	3\$000
4.º Livro de Leitura.....	3\$500

**JOÃO RIBEIRO**

Autores Contemporaneos.....	5\$000
Selecta Classica.....	6\$000

**ASSIS CINTRA**

Pequenas Historias.....	2\$500
-------------------------	--------

**O. BILAC e M. BOMFIM**

Atravez do Brasil.....	4\$500
Leitura complementar.....	4\$000
Livro de composição.....	4\$000

**CARMEN GILL**

Instrucção Civica.....	4\$000
------------------------	--------

**ALTINA DE FREITAS**

Cartilha.....	2\$000
---------------	--------

**ANNA CINTRA**

Ensino Completo de Leitura...	1\$500
-------------------------------	--------

**A. JOVIANO**

Primeira Leitura (para crianças)	2\$000
Primeira Leitura (para adultos).	2\$000
Lingua Patria—1.º Livro.....	4\$000
« « —2.º Livro.....	5\$000
« « —3.º Livro.....	5\$000

**MARIA DO CARMO P. NEVES**

Exercicios de Linguagem — (1., 2.º e 3.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem— (4.º e 5.º annos).....	3\$000
Exercicios de Linguagem — (6.º e 7.º annos).....	4\$000

**MANOEL BOMFIM**

Primeiras Saudades.....	4\$000
Creanças e Homens.....	3\$000

**E. DE AMICIS**

Coração.....	4\$000
--------------	--------

**AFRANIO PEIXOTO**

Minha Terra e Minha Gente...	4\$000
------------------------------	--------

**BILAC e C. NETTO**

Contos Patrios.....	3\$500
Patria Brasileira.....	3\$500
Theatro Infantil.....	2\$500

**ALBERTO DE OLIVEIRA**

Céo, Terra e Mar.....	4\$500
-----------------------	--------

Remettemos nosso catalogo gratis para todo Brasil